

LEONEL FRANCA (1893/1948)
BIBLIOGRAFIA E ESTUDOS CRÍTICOS



CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO
DO PENSAMENTO BRASILEIRO

2010

SUMÁRIO

BIOGRAFIA E BIBLIOGRAFIA

ESTUDOS CRÍTICOS

- **A reação espiritualista** (1939) – Alceu Amoroso Lima
- **A morte do Padre Franca** – Editorial de *A Ordem* (dezembro, 1948)
- **Leonel Franca - O maior** (1951) – Alceu Amoroso Lima
- **Padre Leonel Franca, um polemista** (1984) – Antonio Carlos Villaça
- **Leonel Franca** (1964) – Luís Washington Vita
- **A interpretação participante** (1979) – Antonio Paim

BIOGRAFIA E BIBLIOGRAFIA

Leonel Franca nasceu aos 6 ou 7 de janeiro de 1893, em São Gabriel, no Rio Grande do Sul, ingressando na Companhia de Jesus aos 15 anos, em 1908. Estudou em Roma, onde permaneceu em sucessivas oportunidades, doutorando-se em filosofia e teologia em 1925. Tornou-se uma das figuras centrais do movimento de renascimento católico iniciado pelo Cardeal Leme. É o fundador, em 1940, da Universidade Católica do Rio de Janeiro, de que foi reitor até a morte em 3 de setembro de 1948.

Bibliografia:

Obras Completas

Noções da história da filosofia. 22. ed. Rio de Janeiro : Agir, 1978. 382 p. (Obras Completas, 1).

A igreja a reforma e a civilização. 7. ed. Rio de Janeiro : Agir, 1958. 476 p. (Obras completas, 2).

Polêmicas: ensino religioso e ensino leigo, problemas de deontologia medica, relíquias de uma polêmica. 2. ed. Rio de Janeiro : Agir, 1953. 438 p. (Obras completas, 3).

O divórcio. 6. ed. Rio de Janeiro : Agir, 1964. 329 p. (Obras completas, 4).

_____. 8. ed. atual. Rio de Janeiro : Agir, 1955. 329 p. (Obras completas, 4).

Alocuções e artigos. Rio de Janeiro : Agir, 1954. (Obras completas, 5). 3 v.

Catolicismo e protestantismo. 2. ed. Rio de Janeiro : Agir, 1952. 312 p. (Obras completas, 6).

O protestantismo no Brasil; Lutero e o Sr. Frederico Hansen. 3. ed. Rio de Janeiro : Agir, 1952. 339 p. (Obras completas, 7).

A psicologia da fé. 6. ed. Rio de Janeiro : Agir, 1952. 237 p. (Obras completas, 8).

A crise do mundo moderno. 4. ed. Rio de Janeiro : Agir, 1955. 274 p. (Obras completas, 9).

O método pedagógico dos jesuítas. Rio de Janeiro : Agir, 1952. 236 p. (Obras completas, 10).

Livro dos salmos; com os cânticos do breviário romano. Tradução Leonel Franca. 2. ed. Rio de Janeiro : Agir, 1953. (Obras completas, 11).

Liberdade e determinismo : a orientação da vida humana. Rio de Janeiro : Agir, 1954. 455 p. (Obras completas, 12).

O problema de Deus. 2. ed. Rio de Janeiro : Agir, 1955. 325 p. (Obras completas, 13).

Imitação de Cristo. 6. ed. Rio de Janeiro : Agir, 1953. 261 p. (Obras completas, 14).

A formação da personalidade. Rio de Janeiro : Agir, 1954. 485 p. (Obras completas, 15).

A crise do mundo moderno. Apresentação Henrique C. Lima Vaz. 5. ed. Porto Alegre : EDIPUCRS, 1999. 277 p. (Pensadores Gaúchos, 3).

Obras avulsas

Noções de história da filosofia. Rio de Janeiro : Drummond, 1918. 248 p.

_____. 2. ed. rev. e aum. Rio de Janeiro : Drummond, 1921. 311 p.

Apontamentos de química geral. Rio de Janeiro, 1919.

Ensino religioso e ensino leigo : aspectos pedagogicos, sociais e jurídicos. Rio de Janeiro : Schmidt, 1931. 163 p.

Lutero e o Sr. Frederico Hansen. Rio de Janeiro : “O Livro Vermelho dos Telefones”, 1933. 39 p. (Coleção Jackson de Figueiredo, 7).

A psicologia da fé. 2. ed. Rio de Janeiro : Civilização Brasileira, 1935. 310 p.

O divórcio. 5. ed. Rio de Janeiro : ABC, 1937. 411 p.

_____. Lisboa, Prodomo, 1945. 390 p.

O protestantismo no Brasil. 2. ed. Rio de Janeiro: ABC, 1938. 255 p.

A crise do mundo moderno. Rio de Janeiro : José Olympio, 1941. 297 p.

_____. 2. ed. Rio de Janeiro : José Olympio, 1942. 302 p.

Vida interior. Rio de Janeiro, 1954. 79 p.

O livro dos salmos : com os cânticos do Breviário Romano. Trad. Leonel Franca. Rio de Janeiro : Agir, 1974. 331 p.

Estudos sobre o autor:

ACERBONI, Lúcia. Leonel Franca S.J.. In : _____. A Filosofia Contemporânea no Brasil. Tradução João Bosco Feres. Prefácio Miguel Reale. São Paulo : Grijalbo, 1969. p. 142-148.

AMARAL, Jésus Salvador do. O pensamento filosófico no Brasil : em sinopse. Roma : Universidade Gregoriana, 1965. 42 p.

CAMPOS, Fernando Arruda. Tomismo e neotomismo no Brasil. São Paulo : Grijalbo, 1968. p. 98-106.

CASTRO, Flávia de Almeida Viveiros de. Igreja, ação e pensamento : intelectuais católicos entre as décadas de 20 e 40 no Brasil. Rio de Janeiro : PUC, 1998. (Dissertação de mestrado).

COSTA, João Cruz. Contribuição à história das idéias no Brasil. Rio de Janeiro : José Olympio, 1956. p. 444-445.

D'ELBOUX, Luiz Gonzaga da Silveira. O padre Leonel Franca, S. J. Rio de Janeiro : Agir, 1953.

DOWELL, João A. Mac S.J. 30º aniversário da morte do Padre Leonel Franca. Boletim PUC, Rio de Janeiro, ano VIII, n. 4 (especial), set. 1978.

LIMA, Alceu Amoroso. A reação espiritualista. In : A LITERATURA no Brasil. Direção de Afrânio Coutinho. Rio de Janeiro : Livraria São José, 1959. vol. III, tomo I, p. 394-428.

MACHADO, Geraldo Pinheiro. Leonel Franca. In : HIRSCHBERGER, Johannes. História da Filosofia Contemporânea. 2. ed. São Paulo : Herder, 1968. p. 291-295.

_____. _____. In : _____. A filosofia no Brasil. 3. ed. acrescida de notas. São Paulo : Cortez & Moraes, 1976. p. 92-96.

MAIA, Pedro Américo. Pe. Leonel Franca. São Paulo : Loyola, 1982. 70 p.

MENDONÇA, Ana Waleska Pollo C. Leonel Edgar da Silveira Franca. In :

DICIONÁRIO de educadores no Brasil da Colônia aos dias atuais. Organização Maria de Lourdes Albuquerque Fávaro e Jader de Medeiros Britto. Rio de Janeiro : Editora UFRJ, 1999. p. 339-345.

MOURA, Odilão. O Padre Leonel Franca S.J.. In : _____. As idéias católicas no Brasil : direções do pensamento católico no Brasil no século XX. São Paulo : Convívio, 1978. p. 137-140.

PADOVANI, Humberto, CASTAGNOLA, Luís. Leonel Franca e a renascença da filosofia nacional. In : _____. História da Filosofia. 2. ed. São Paulo : Melhoramentos, 1956. p. 491-500.

O PADRE Leonel Franca e sua obra. Correio da Manhã, 3 set. 1959.

PAIM, Antônio. Leonel Franca (1893-1948). In : LOS “ Fundadores” em la Filosofia de América Latina. Washington : OEA, 1970. p. 188-191.

SALEM, Tânia. Do Centro Dom Vital à Universidade Católica. In : SCHARTZMAN, Simon. Universidades e instituições científicas no Rio de Janeiro. Brasília : CNPq, 1982.

VAZ, José Carlos de Lima. Recordando o padre Leonel Franca. [s.n.t.].

VILLAÇA, Antonio Carlos. O pensamento católico no Brasil. Rio de Janeiro : Zahar, 1975. 205 p. (Coleção panorama cultural brasileiro).

_____.Padre Leonel Franca, um polemista. O Estado de S. Paulo, São Paulo, 5 ago. 1984. p. 7.

VITA, Luis Washington. Monólogos e diálogos. São Paulo : Conselho Estadual de Cultura, 1964. p. 152-155.

ESTUDOS CRÍTICOS

A REAÇÃO ESPIRITUALISTA

Alceu Amoroso Lima

Antecedentes

1. Denomina-se Reação Espiritualista o movimento de renovação da primazia dos valores espirituais, tanto na poesia como na prosa e tanto na prosa de ficção como na prosa de idéias, que, contra o espírito naturalista e anti-espiritualista do século XIX, se processou, em nossas letras, de 1890 aos nossos dias. Antes, porém, de se apontarem os nomes e as posições ideológicas e estéticas dos principais representantes desse movimento de autonomia e liberdade do espírito em face da natureza física, nos últimos sessenta anos, durante o Simbolismo, o Pré-Modernismo e o Modernismo, faz-se mister dizer algumas palavras sobre os antecedentes dessa reação.

2. As letras, no Brasil, nasceram no século XVI sob o signo da maior reação espiritual dos tempos modernos, trazida ao Novo Mundo pela recém-formada milícia religiosa, que tomou o nome expressivo de Companhia de Jesus. Esta se formara não só para combater a Reforma ou para revigorar o sentimento religioso dos católicos, mas ainda para operar a *síntese* entre *humanismo* e *cristianismo*, que ameaçavam dissociar-se irreparavelmente. O amor das letras, portanto, era por natureza um dos elementos essenciais desse apostolado missionário, que não só introduziu a literatura no Brasil, sob a dupla forma pedagógica e dramática, mas ainda manteve por dois séculos uma jurisdição incontrastável sobre toda a vida cultural da Colônia. O humanismo espiritualista dos jesuítas, bem como as formas

de espiritualidade mais popular das outras Ordens religiosas, principalmente franciscanos e beneditinos, foram portanto os elementos básicos da formação inicial de nossas letras, durante os três primeiros séculos de nossa história, imprimindo-lhe um feitiço barroco. Foi sobre esse duplo fundamento cultural, em que se conjugavam a renovação do fervor cristão dentro da Igreja e o cultivo das humanidades clássicas pelo gosto das boas letras, que a literatura brasileira começou a nascer das sementes que os europeus espalhavam sobre um solo quase virgem, tal a pobreza da contribuição indígena à formação inicial dessas raízes. Com o tempo, tanto os afluentes autóctones como as correntes africanas e européias não latinas, trouxeram suas contribuições, por vezes antitéticas, a essas sementes iniciais. Mas foi sob o signo da primazia dos valores espirituais que se formaram as raízes iniciais de nossas letras. Toda reação nesse sentido, ao longo de nossa história intelectual, é uma volta às fontes e possui, portanto, além do seu mérito intrínseco de respeito à hierarquia natural dos valores, um índice de fidelidade histórica que não pode ser desprezado.

3. Essa atuação da Igreja Católica e das suas grandes ordens religiosas, no sentido de patrocinarem invariavelmente o desenvolvimento das letras no Brasil, e, particularmente, a educação das novas gerações, comunicando a ambas um sentido religioso da vida, não impediu, entretanto, por motivos que não vêm ao caso investigar neste momento, que o espírito religioso do povo e, de modo particular, das elites, se conservasse muito a flor da pele. A superficialidade tem sido apontada, com razão, como um dos sinais característicos da nossa religiosidade, tomada naturalmente em sentido geral. Essa falta de penetração é que explicaria, nas elites culturais, a fácil contaminação, especialmente durante o século passado, do indiferentismo, do agnosticismo e finalmente do naturalismo anti-religioso, bem como na massa da população, o surto crescente do espiritismo, da feitiçaria, do politeísmo, de todas as formas esdrúxulas e individualistas ou páramaterialistas de religiosidade.

4. Logo no início da nossa independência literária, com o Romantismo, vemos o humanismo *definido*, da formação colonial católica, se diluir num espiritualismo *indefinido* que caracteriza não só a filosofia do Romantismo, mas a sua estética. Nossos românticos foram espiritualistas, especialmente os da primeira geração, como Gonçalves Dias, Magalhães, Porto-Alegre, Dutra e Melo. Foram, por vezes, intensamente religiosos, como ocorreu com este último poeta. O próprio pré-romantismo se caracterizou por uma primeira reação espiritualista, contra o Arcadismo de feição mitológica e de espírito racionalista do fim do século XVIII, tal como inspirara os poetas da Plêiade Mineira. Homens como Sousa Caldas (q. v.), Frei Francisco de S. Carlos (q. v.), Elói Otôni (q. v.), Mont'Alverne (q. v.) prepararam o fundo espiritualista do Romantismo. Mas foi principalmente o ecletismo dos filósofos franceses, como Victor Cousin ou mesmo dos seus epígonos como Charvat, que forneceu aos românticos o seu fundo de sentimentalismo espiritual. De modo que ao fim do Romantismo, enquanto um Fagundes Varela (q. v.) – depois de uma mocidade impregnada de espírito revolucionário e racionalista, mas principalmente anticlerical, que animava os seus companheiros de geração – escrevia como o *Evangelho nas Selvas* um poema épico de espírito profundamente cristão e religioso, da Bahia nos vinham, pela boca de Junqueira Freire (q. v.) e mais tarde de Castro Alves (q. v.), ora imprecações antimonásticas que ecoavam a fundo nessa geração, ora invocações apenas *deístas*, que significavam uma ruptura real com todo o passado católico do período colonial, anterior às Academias e sobretudo às Sociedades literárias dos fins do século XVIII.

5. Quando veio a chamada "Escola do Recife", com sua importação no monismo germânico, visceralmente anticristão, não havia uma ruptura brusca e radical com o espiritualismo colonial. Já o passado revelava uma dupla ondulação nesse jogo de influências espirituais: o racionalismo da geração mineira, nos fins do século XVIII e a reação de espiritualismo indefinido e sentimentalista, do Romantismo, com sua gradual desespiritualização. O Naturalismo era menos uma reação que um

desdobramento. Reação fora a conversão de um Sousa Caldas, por exemplo, nos fins do século XVIII, no parís de 1789; continuação ia ser o *deísmo* de um Tobias Barreto (q. v.), figura primacial dessa "Escola do Recife", introdutora do espírito naturalista em nossas letras, tanto de pensamento como de expressão. O positivismo francês e o evolucionismo inglês penetraram a fundo na vida cultural do país, ao mesmo tempo que o movimento germânico, tanto de tipo hegeliano (monismo idealista) como de tipo haeckeliano (monismo materialista).

6. Tivemos assim a chamada reação de 1870, que se caracterizou pela intensa desespiritualização da inteligência brasileira. Quando, por essa época, se desencadeou a Questão Religiosa, e em 1874 D. Vital, bispo de Olinda e D. Antônio de Macedo Costa, bispo do Pará, foram presos e chamados pelo governo imperial a responder, perante os tribunais, por sua "desobediência" à lei, a geração literária ao tempo dominante se pronunciou, pode-se dizer, unanimemente, contra os bispos e a favor do estado imperial, no choque tremendo que agitou, de Sul a Norte, não só os meios religiosos e políticos, mas ainda os meios propriamente intelectuais do país. Era o teste formal do movimento de profunda desespiritualização que se vinha processando, a despeito da inspiração romântica da geração de 1840 e que marcou de modo indelével a geração naturalista, que ia dominar as letras brasileiras até o fim do século.

7. Tanto o realismo, na prosa, como o Parnasianismo, na poesia, foram escolas literárias fundadas numa filosofia naturalista da vida. Toda a literatura brasileira, nos meados do século e particularmente entre 1850 e 1890, foi agnóstica, céptica, quando muito deísta, ou conscientemente anticristã e sobretudo anticlerical. Só no fim do século, depois da República, é que começamos a notar movimentos de reação espiritual, que representam os pródomos de um corrente que se vem, desde então, avolumando até hoje.

Em 18 de junho de 1855, por exemplo, escrevia o jovem romancista ainda inédito Manuel Bandeira de Almeida, tão prematuramente falecido em 1864: "Entre os

movimentos do passado que desabam nestes tempos de grandes reformas e de grandes destruições, desaba também o claustro; lança-o por terra o anacronismo de sua construção. Assustam-se os espíritos tímidos com a queda do altar (sic). O que lhe provocou porém a derrota, não é senão a grande vitória... O claustro caiu. Antes de cair tinha-se desnaturado e isto apressou sua queda, que abafou a memória de muitos crimes. Não resta mais para ele senão a história... O claustro, que tanto produziu, nada mais hoje produz".(1) Um século mais tarde, em 1955, o movimento mais moderno na vida cultural é o renascimento da vida monástica, tanto no Brasil, onde os claustros femininos e mesmo masculinos são pequenos para conter o número de pretendentes, quase todos vindos dos estudos universitários e mesmo da vida literária, mas ainda em países como os Estados Unidos, onde a figura de Thomas Merton, convertido e trapista, está entre os da vanguarda nas letras.

8. Mas em 1855 e até fins do século passado o estado de espírito dominante é o que se lê naquelas palavras do futuro autor de *Memórias de um Sargento de Milícias*. Uns guardavam, quando muito, como Machado de Assis, a nostalgia de sua formação cristã e um grande respeito pelas coisas religiosas. Outros, como Rui Barbosa (q. v.), se encaminhavam para uma volta gradativa à região do mistério, podendo escrever, do fundo de seus desenganos políticos, em janeiro de 1897: "Hoje quase que só creio em Deus e este não sei por que caminhos agora nos quer conduzir".(2) Joaquim Nabuco (q. v.), esse se convertera, poucos anos antes, depois de ter, como toda a sua geração, perdido a Fé, pela leitura de Renan, como outros pela de Spencer, Comte, Hegel ou Haeckel. Só um homem de letras *da primeira plana* se declarava então, francamente, católico. Só um, em toda a literatura da época. Era o jornalista Carlos de Laet (1847-1927), que enfrentou sozinho a sua geração, a qual, na quase unanimidade dos seus membros, se deixara arrastar pelo movimento antiespiritualista que a "Escola do Recife" havia desencadeado no Norte e espalhado por todo o Brasil.

A República e a Abolição vinham ser feitas por uma geração completamente divorciada do humanismo cristão, sob cujo signo se operara a gestação da cultura brasileira. No fim da Monarquia um dos filhos dessa geração naturalista, convertido com tal fervor que se fizera não só sacerdote mas religioso redentorista, Júlio César de Moraes Carneiro (1860-1916), que se tornou famoso como "Padre Júlio Maria", podia terminar uma séria de sermões em 1888, apostrofando os católicos brasileiros com as palavras candentes de um Catão de batina: "Precisamos catolizar o Brasil". (3)

Era o apelo à reação espiritualista que ia começar com a aurora do novo regime e sob o sinal de uma nova escola literária, que a geração naturalista desdenhou, como sendo apenas um grupelho de "nefelibatas" marginais, não incluindo nenhum dos seus membros no cenáculo das letras, que então pretendia reunir toda a elite intelectual brasileira, e que no entanto ia representar, na realidade, a primeira vaga do vasto movimento de reação espiritualista que vem dominando, até certo ponto, as letras brasileiras, a partir de 1890, isto é da aurora do Simbolismo.

.....(4)

NO MODERNISMO

1. No advento dessa nova era que foi o após-guerra de 1918, três espécies de revoluções se operaram no Brasil: a política, a literária e a espiritual.

Pode-se dizer que nasceram no mesmo ano, esse ano de 1922 que, por tantos motivos, é aquele de que podemos datar o advento cultural do século XX, como uma nova fase da nossa história social. Foi o ano do Centenário e, como tal, um momento de tomada de contas, de exame de consciência, de decisões para o futuro. Foi, por isso mesmo, um ano essencialmente revolucionário, e portanto típico do século XX. Foi o ano em que ocorreu o primeiro movimento civil e militar contra os "governos fortes" dos fins da Primeira República, e culminou com o famoso e simbólico episódio épico dos "18 do Forte", semente da revolução política

vitoriosa em 1930. Foi o ano em que ocorreu a "Semana de Arte Moderna" em São Paulo, acontecimento inicial e público do movimento modernista nas letras. Foi o ano em que se publicaram algumas obras capitais do fim da era anterior e do advento do modernismo declarado, como a *Luz mediterrânea*, de Raul de Leôni, os *Epigramas Irônicos e sentimentais*, de Ronald de Carvalho e sobretudo *A Paulicéia Desvairada*, de Mário de Andrade (q. v.) Foi ainda o ano em que apareceram duas obras-mestras, como demonstração positiva de uma nova fase de renascimento espiritual e precisamente católico: *A Igreja, a Reforma e a Civilização*, do Padre Leonel Franca, S.J. e *Pascal e a Inquietação Moderna*, de Jackson de Figueiredo. Não se podem confundir os três movimentos, sem dúvida, Mas também não há que dissociá-los. Os três revelam uma ruptura com posições passadas, uma quebra de rotina, um renascimento formal, tanto no campo político das instituições públicas, como no terreno propriamente literário ou propriamente espiritual. E as ligações entre os três são inegáveis.

A revolução política foi de 1930. Logo em 1931 se quebrava uma praxe da República Velha, o laicismo pedagógico rigoroso, e se introduzia o ensino religioso nas escolas públicas, embora em caráter facultativo. E poucos anos depois, quando o país voltou à legalidade constitucional, os postulados da Liga Eleitoral Católica foram integralmente incorporados à nova Constituição de 1934. Era a prova patente de que a revolução espiritual exercia uma influência direta sobre a revolução política.

E o mesmo se pode dizer em relação à revolução literária. Se alguns dos líderes da revolução espiritual se conservaram alheios e até avessos ao Modernismo estético (como Jackson de Figueiredo, por exemplo, mas que apesar disso Graça Aranha incluiu, com razão, na lista dos "renovadores" e "anti-passadistas", na sua famosa conferência na Academia Brasileira de Letras, em 1924), a maioria deles, ao contrário, participou ativamente do movimento, na linha das tendências já manifestadas ao longo da evolução do Simbolismo ou mesmo provindo de setores completamente alheios à tradição neo-romântica.

Há, portanto, um laço profundo entre as três manifestações do mesmo espírito conscientemente renovador e inovador, que animou, de modo violento e radical, os meios políticos, intelectuais e espirituais brasileiros ao terminar a guerra de 1914. Esta foi o choque social necessário, como que a explosão de um cartucho de dinamite na rocha do conformismo histórico, para fazer passar as águas represadas no fundo das consciências.

2. Esse movimento, no domínio das idéias e das formas estéticas não se processou alheio a influências universais, por mais que a nota nacional e mesmo nacionalista, que já se manifestara na fase imediatamente anterior, tenha também marcado profundamente as instituições e as obras da primeira geração modernista.

Escritores e pensadores de todos os tipos e países, como Péguy, Bloy, Maritain, Berdiaeff, Bergson, Eucken, Boutroux, Claudel, Mauriac, Maz Jacob, Romain Rolland, Kierkegaard, Rabindranath Tagore, Bernanos, Chesterton, Belloc, Dawson, Gilson, Unamuno, Papini, Peter Wust, Theodor Haecker, Karl Adam, Romano Keiserling, Thomas Merton, Fulton Sheen, Gabriel Marcel, Charles Maurras, Maurice Blondel, Benedetto Croce, Emmanuel Mounier, Arnold Toynbee, T. S. Eliot, para só falar nos mais famosos, e até mesmo a conversão em Portugal de um Leonardo Coimbra, a evolução crítica de Fidelino de Figueiredo, através de Kant, ou a nova visão política de Antônio Sardinha, tudo isso influiu poderosamente na mentalidade das novas gerações. Não havia só os católicos do grande movimento renovador que vinha do princípio do século, em França, em Bloy, Péguy ou Maritain. Havia judeus como Bergson. Pagãos como Tagore. Ortodoxos como Berdiaeff. Heterodoxos como Unamuno. Protestantes como Kierkegaard. E até positivistas como Maurras. Havia homens vindos de todos os quadrantes culturais do Velho Mundo, do Novo Mundo e até do Oriente. Havia homens da direita e homens da esquerda. Havia latinos, germanos, eslavos e anglo-saxões. Era uma onda de fundo da consciência universal, que repelia violentamente, sem consenso prévio e sem o mais remoto unilateralismo ou mesmo confessionalismo, a limitação aos direitos supremos do Espírito que uma falsa concepção da verdade

tinha instaurado como um dogma da inteligência humana, desde a decadência do Romantismo. Era um movimento universal, que veio encontrar no Brasil um ambiente extremamente receptivo, numa geração que recebera da lição antiespiritualista dos seus mestres, um Anatole France, um Gide, um Eça de Queirós, um Sílvio Romero, não uma posição de irreducibilidade sectária, mas ao contrário uma atitude de *disponibilidade* favorável aos novos evangelhos da inteligência, alguns dos quais conduziam aos quatro simples e eternos Evangelhos da Verdade, que vieram insuflar vida nova em tantas consciências precocemente desiludidas da verdade.

3. Duas personalidades, antes referidas, vieram abrir novos rumos para a nossa cultura e marcar o advento formal da renovação espiritualista *definida*, com a nova geração. Foram Leonel Franca e Jackson de Figueiredo. Antes deles, e na mesma linha da recuperação de um patrimônio perdido, deve-se registrar a abertura em São Paulo de uma Faculdade de Filosofia, ligada à de Louvain, e por iniciativa de um abade beneditino, D. Miguel Kruse, O. S. B.. Era o movimento tomista que chegava ao Brasil, com homens como Monsenhor Sentroul, cuja tese sobre *Kant e Aristóteles* fora premiada pela "Kant-Gesellschaft", Alexandre Correia, Leonardo Van Acker, belga mais tarde naturalizado, que muito influíram nessa radical mudança de rumos, contra a inclinação natural do naturalismo ao materialismo ou ao cepticismo absoluto, que se vinha processando.

No terreno das letras, a publicação dos dois livros de Leonel Franca e de Jackson de Figueiredo e, de modo particular, a ação pessoal de um e de outro sobre a nova geração, é que vinham dar realmente o passo decisivo, não só para uma reaproximação entre a Igreja Católica e a Literatura, mas ainda para a reconciliação entre a Cultura e o Espírito, como forma autônoma e suprema e não como epifenômeno marginal e secundário em face do determinismo cego das leis naturais ou da evolução social.

A ação pessoal de Leonel Franca e de Jackson de Figueiredo, tão diferentes entre si, de temperamento e de formação filosófica, mas tão ligados pela mesma adesão

total à Verdade Revelada e ao magistério da Igreja Católica, foi considerável. Um pela sua calma, pela solidez dos seus conhecimentos, pela harmonia de sua formação, pela arrumação ordenada, como ninguém, do seu espírito, pela sua imensa penetração psicológica; o outro, pela sua veemência, pela sua bravura, pelas suas aventuras filosóficas, pela sua curiosidade intelectual; ambos desempenharam um papel decisivo na modelagem espiritual da nova geração. Direta ou indiretamente, não houve nestes últimos trinta anos, quem tomasse parte nessa reação espiritualista e marcou indelevelmente os novos rumos das letras e do pensamento no Brasil moderno, e não tivesse sofrido qualquer influência, próxima ou remota, aceita ou repelida, dessas duas grandes figuras, tão diferentes e tão semelhantes, que devemos colocar no pórtico da revolução espiritual de 1922. Ambos fizeram passar a inquietação espiritualista e o descontentamento com o Naturalismo, do terreno das aspirações indefinidas, que havia sido típico do Simbolismo, para o das posições definidas, das opções formais, que pareciam para sempre banidas do domínio das letras, pelo dogma da disponibilidade gidiana, e no entanto longe de impedir o surto da originalidade literária, vieram marcar a diferença específica de alguns dos mais originais criadores poéticos das novas gerações, como Jorge de Lima ou Murilo Mendes.

NOTAS

(1) in *Correio Mercantil*, Rio de Janeiro, 18 junho 1855.

(2) apud Américo Jacobina, in *Obras Completas de Rui Barbosa*, "A Imprensa", vol. XXV, Rio de Janeiro, 1947. Prefácio, p. X.

(3) in *Apóstrofes* (1808).

(4) Depois dessa introdução geral, o autor irá indicar quais os autores e obras, no simbolismo, em que se podem apontar, como diz, "a primazia da vida interior sobre as influências externas". Entende que esse processo não sofreria solução de continuidade, no pré-modernismo, em que pese "dele não participassem os grandes nomes de prosadores e poetas" (menciona Euclides da Cunha, Lima Barreto, Afrânio Peixoto., etc.). Destaca, sobretudo, o papel e a importância de Farias Brito.

Do tópico subsequente, dedicado ao modernismo, limitamo-nos a transcrever a parte relativa a Jackson de Figueiredo e Leonel Franca. (NOTA DO EDITOR).

(Transcrito de *A literatura no Brasil*, org. Afrânio Coutinho; volume III. Tomo I, Rio de Janeiro: Livraria São José, 1959, págs. 395-400; 409-414).

Alceu Amoroso Lima (1893/1983), depois se tornar-se famoso crítico literário (escrevendo com o pseudônimo de Tristão de Ataíde), converte-se ao catolicismo e assume, a partir de 1928, a liderança do Centro D. Vital, dando continuidade à obra de Jackson de Figueiredo. Após 1964, sob os governos militares, assumiu uma posição destacada entre os partidários da reconstitucionalização do país.

A MORTE DO PADRE FRANCA

Em 23 de novembro de 1927, um ano antes de sua própria morte, escrevia Jackson de Figueiredo a Alceu Amoroso Lima o seguinte: "Vá conversar com o Franca. A só presença dele já é uma grande luz. E, no entanto, não creio que haja nele a ausência de sofrimento. Não. Há de ser, no fundo, um irmão nosso; um sofrimento, porém, que sabe aonde termina".

Foi a luz dessa presença e deste sofrimento redentor e sereno, que sabia onde terminava e só nos aparecia transfigurado e jamais queixoso, que vinte e um anos mais tarde nos deixava para sempre, depois de uma assistência espiritual que, por assim dizer, acompanhou toda a vida de nossa geração. Quando fundou "A Ordem" não quis Jackson de Figueiredo pedir para ela um censor, como o pedira e obtivera para o Centro Dom Vital. Explicou, em um dos primeiros números da revista, em 1921, o motivo da recusa. Não que pretendesse, em nada, escapar à vigilância que a Igreja naturalmente exerce sobre todos os escritos que pretendem representar e seguir a sua doutrina. Queria, porém, significar que "A Ordem", sendo uma revista de vanguarda e desejando tomar atitudes em problemas, como os de ordem político-partidária, em que a Igreja expressamente se recusa a participar de modo direto, não desejava, com a existência de um censor oficial, arrastar a responsabilidade da Igreja ou, pelo contrário, ser tolhida em sua liberdade de movimentos em terrenos expressamente excluídos da ação católica em sentido estrito. Houve, mais tarde um período em que Leonel Franca foi apontado pelo Cardeal Leme, como censor da revista. Essa indicação, no entanto, nunca chegou a ser efetivada por ato escrito, embora por duas ou três vezes tivesse ele chegado a rever os nossos originais. Seu estado de saúde e o acúmulo de obrigações não permitiram a continuação no exercício dessas funções.

O que, entretanto, nunca deixou de ser, tanto em vida de Jackson como nos dois decênios já decorridos depois da morte do nosso fundador, foi o nosso assistente moral, o nosso conselheiro constante, o nosso amigo de todas as horas e particularmente das horas difíceis e amargas. Sua perda representa, portanto, para

o nosso movimento, como representou para a maioria daqueles que dele participam, uma ruptura no tempo e uma ausência insubstituível como guia e orientador.

Ainda é cedo para se traçar a biografia, mesmo sucinta, de Leonel Franca e para marcar a sua posição na história do nosso catolicismo e na evolução do pensamento brasileiro. Podemos apenas, nesta hora amarga, depois de termos deixado o coração falar ou antes sangrar pela saudade que sua insubstituível ausência provocou em tantos de nós, seus discípulos, seus amigos, seus penitentes, - podemos apenas evocar uma vez mais sua presença e tentar um registro, ao menos, de sua importância capital na evolução da cultura brasileira, dentro e fora da Igreja, nesses últimos decênios.

A presença de Padre Franca, como profeticamente o anunciava Jackson de Figueiredo na carta íntima de 1927, foi um elemento decisivo na imensa influência que exerceu durante os últimos vinte anos. Pois já hoje se pode afirmar que ninguém exerceu no Brasil uma influência moral e intelectual, durante esse período, que equivalesse à do Padre Franca. Se fizermos um pequeno balanço dos homens que tiveram, desde o fim da outra guerra, uma parcela de influência intelectual e moral no Brasil, encontraremos personalidades das mais diversas tendências.

Sem querer senão exemplificar e tendo apenas em vista escritores que tenham realmente exercido uma ação e criado, por assim dizer, escola, pensemos em grandes nomes, os mais dispares entre si, como Dom Leme, Jackson de Figueiredo, Mário de Andrade, Graça Aranha, Rondon, Roquete Pinto, Humberto de Campos, Manuel Bandeira, Plínio Salgado, Sobral Pinto, Luiz Carlos Prestes, José Américo, Monteiro Lobato, Afranio Peixoto, Otávio Mangabeira, Portinari, Vila-Lobos, Lucio Costa, Niemeyer, etc. Teólogos, poetas, políticos, ensaístas, artistas, esses e outros são nomes que figurarão certamente, no futuro, numa história da cultura intelectual e social, no Brasil, desde 1920 a 1930, isto é, desde o início da renovação moderna, literária e política, do Brasil.

Ora, se tivermos em mente esses grandes nomes, que representam junto a outros do mesmo ou semelhante teor, uma síntese da cultura brasileira contemporânea - estou

certo de que nenhum deles excederá em importância e influência à figura de Leonel Franca. Em número e popularidade só se aproximam dele Luiz Carlos Prestes, Plínio Salgado e Monteiro Lobato, sem falar no Cardeal Leme, figura singela e à parte. Todos três representam setores enormes de influência popular, movimentos de massa, até então inexistentes nos meios proletários, na agitação reacionária e na literatura infantil. Operários, nacionalistas e crianças tiveram os seus ídolos durante o período que vai de 1930 a nossos dias.

Pois bem, é com os olhos atentos a essa realidade social dos últimos decênios e sem nenhuma preocupação apologética que podemos colocar a figura de Leonel Franca, considerada apenas sob o aspecto da influência exercida, não só ao lado mas acima de qualquer das personalidades apontadas e mesmo desses três que mais diretamente levantaram a opinião pública apática do Brasil, de há vinte ou trinta anos a esta parte.

Leonel Franca foi o homem de maior prestígio intelectual entre os católicos do Brasil inteiro, desde 1922, ano em que publicou o seu primeiro livro de repercussão intelectual "Igreja, Reforma e Civilização".

Se tivermos em mente que todo o clero o tinha como oracular, desde os Cardeais até os párocos sertanejos mais humildes e a ele subiam, em última instância, consultas sobre os problemas mais candentes de ordem espiritual, intelectual e social, não só doutrinários mas práticos, podemos ter uma idéia da imensa influência que direta e indiretamente esse frágil sopro de coração periclitante num corpo diáfano, exerceu sobre o Brasil inteiro, sobre milhões de patrícios nossos, sem contar a repercussão internacional que teve, através da tradução de seus livros. Só as traduções que fez ultimamente e foram a sua despedida da vida intelectual, magníficas traduções dos Salmos e da Imitação de Cristo, foram disseminadas por todos os meios católicos nacionais, desde os mais exigentes intelectuais até os mais humildes fiéis, com alguma formação. Nos meios estritamente intelectuais não foi menor seu prestígio. Mesmo os que atacavam de rijo seus ideais, como José Oiticica, por exemplo, respeitavam sua profunda e ordenada cultura. Mesmo os que detestavam sua posição religiosa, reconheciam sua superioridade intelectual.

Quando há dois meses, na Academia, Clementino Fraga lembrou seu nome pra o Grande Prêmio de 1948 - que iria ser a coroação temporal de sua obra - não houve uma voz discordante e os candidatos, mais merecidamente cotados, foram espontaneamente deixados para outra oportunidade.

É, pois, ao pé da letra que podemos afirmar não ter havido, no Brasil intelectual dos últimos vinte anos, uma cabeça que tão forte influência tivesse sobre o seu tempo, como a de Leonel Franca. Influência aliás mais invisível que visível e sempre limitada.

Pois, infelizmente, nada de mais superficial e precário que as influências de homens do quilate de um Padre Franca. Atuam à distância ou mesmo no fundo das almas, mas não conseguem mudar o curso dos acontecimentos. E outras influências contrárias anulam, muitas vezes, a ação benéfica de um apóstolo da verdade como esse que acaba de nos deixar. Seja como for, aceitando mesmo a relatividade da influência de personalidades excepcionais como a sua, o fato é que ninguém o excedeu nem quantitativamente nem muito menos qualitativamente. Pois foi sobretudo como qualidade que a posição do P. Franca foi insuperável durante esse período, tanto fora como dentro da Igreja.

Houve, em Leonel Franca, um conjunto que dificilmente se encontra reunido. Ele foi, ao mesmo tempo e em grau admiravelmente equilibrado, um homem de estudo, um homem de oração e um homem de ação. A admirável harmonia de sua personalidade, que tornava sua simples presença uma solução para muitas de nossas dificuldades, estava exatamente numa dosagem igual desses três elementos, qualquer dos quais bastaria para dar relevo a uma personalidade.

Foi sempre, desde menino, um grande estudioso. Nunca foi um talento que se destacasse pela sua espontaneidade ou improvisação. Foi, desde menino, um aluno aplicado aos estudos, como nenhum de seus companheiros. Foi sempre o primeiro da classe, desde o curso primário. Não teve altos e baixos. Não piorou nem melhorou. Foi sempre o mesmo aluno que sabia perfeitamente todas as lições e voltava dos dias de encerramento das aulas, com o peito coberto de medalhas, tanto de comportamento como de aplicação. E tudo isso, contam os seus colegas de

classe, como uma admirável, uma espontânea e invariável modéstia. Nunca as honrarias o perturbaram. Essa mesma impressão de imperturbabilidade que lhe vimos no semblante e nos gestos nos vinte anos de convivência, ele a deixava, desde menino, em seus companheiros. Foi um menino normal. Brincou como os outros. Jogou "foot-ball" como os outros. Fez suas traquinagens como os outros. Mas sempre modelar no procedimento e no estudo. Sempre deixando nos seus companheiros essa impressão de normalidade que nele jamais foi sinônimo de mediocridade. Era o menino normal, em sua perfeição de primeiro aluno e não no sentido da mediania indistinta entre os extremos. Essa nota deve ser desde logo apontada, pois não queremos traçar do padre Franca um retrato idealista, mormente na hora em que a saudade cruciante de sua ausência, ainda tão quente, poderia facilmente levar-nos a uma apologia, que ele seria o primeiro a detestar. Ou antes de que ele seria o primeiro a sorrir, pois o verbo detestar *não calha absolutamente com a psicologia do Padre Franca*. Mesmo o pecado que ele sempre detestou - pois sua vida se passou no plano de uma perfeição que os seus confessores colocam desde já dentro da mais autêntica santidade, - mesmo o pecado foi por ele detestado sem desvarios e apóstrofes desmedidas. Como foi temperado e moderado em tudo, por superação e nunca por mediocridade, até no condenar o mal sabia guardar aquele aticismo harmonioso, que foi o mais belo sinal de sua superioridade intelectual sobre todos os seus contemporâneos.

Foi, portanto, como base de sua personalidade, um homem de estudo. Estudou sempre, até morrer. Ininterruptamente. Indo sempre às fontes. Infatigavelmente. Não era homem de muitos livros lidos superficialmente, para figuração. Era homem de poucos livros e bons, lidos até o fundo. Era o homem das coisas essenciais. Daí sua argúcia, a lucidez do seu espírito crítico e a força de sua dialética. É que tinha uma base inabalável. É que vinha estudando bem desde os bancos da escola primária. Tinha uma memória assombrosa. Mas uma memória de coisas úteis. De coisas capitais. Sua cultura foi o oposto da cultura enciclopédica, da que nos século XIX se nutria no Larousse e no século XX nas Seleções, de várias espécies ou nas novas enciclopédias pós-larousseanas. Leonel Franca sabia

bem as coisas essenciais das mais variadas matérias. Não foi nunca um erudito, um pesquisador, um aplicado a um recanto da ciência ou mesmo a uma ciência só. Era um homem de cultura geral. Nunca teve tempo ou vocação para se dedicar a um só campo de estudo. Suas obras, por isso mesmo, têm qualquer coisa de didático, de polêmico ou de circunstancial. Mas tudo o que dizia era bem fundamentado e bem estudado. Dava a impressão de nunca ter esquecido nada do que um dia aprendera, desde menino. Como não era homem de figurações, de aparências, não procurava brilhar. Mas quando provocado ou solicitado, revelava em poucos minutos uma segurança de preparo que assombrava e satisfazia as nossas curiosidades mais insaciáveis. O homem de estudo era nele o fundamento de toda a personalidade, como polemista, como professor ou como autor. O que fazia, fazia bem. Tinha um grande respeito pela ciência. Um respeito não supersticioso nem primário, mas admiravelmente lúcido e profundo. Foi talvez esse amor pela verdade, em tudo, o grande ensinamento que nos deu. Sua cultura era realmente universitária no melhor sentido da expressão. Em sua geração foi o único homem de letras de formação universitária européia, que veio participar ativamente da vida intelectual brasileira, toda ela baseada no auto-didatismo. Seu prestígio intelectual e sua superioridade real vinham daí. Estudou bem desde o começo. Fez curso primário, secundário e superior, sem interrupções, sem desvio. Era uma pirâmide de saber, bem distribuído, bem dosado sem excessos. Nem lacunas.

Quando veio da Europa péla última vez, em 1925, vinha preparado como um aço resistente e bem temperado. Trazia seus instrumentos intelectuais de trabalho bem regulados. Quando precisou deles para a oração e para a ação, eles não falharam. Foi, por isso mesmo um exemplo para as novas gerações, de que a prática sem a doutrina é mais perigosa ainda do que a teoria sem ação. Nesse aspecto fundamental de sua personalidade, é mister ainda acentuar a sua fidelidade à filosofia do Ser e da Inteligência. Foi um bom tomista. Fez da obediência ao objeto e da confiança na luz da evidência intelectual as colunas mestras de seu pensamento. A isso o levou o seu respeito pela natureza humana.

Como à Oração o levou o seu respeito pela natureza divina. Nunca a sua excelente preparação científica e metafísica lhe permitiu confundir a natureza humana com a natureza divina, como o fazem com facilidade um intelectualismo ou um anti-intelectualismo desassestados. Sua fé católica invariável, que não sofreu os embates das aventuras ideológicas modernas, sempre lhe permitiu manter o contato com Deus. Nunca deixou de ser religioso. Nunca teve, ao que se saiba, crises de fé. Sempre se conservou unido a Deus, pela oração, desde menino, como sempre conservou desde menino seu amor pelos livros e pelos conhecimentos positivos que deles nos possam provir. Pois sempre leu para tirar proveito, muito mais do que para tirar prazer. Embora pouco antes de morrer ainda nos falasse, com os olhos úmidos, no prazer intelectual com o que ainda em Frascati, lera com lápis na mão o "Génie du, christianisme". Não se perdia, porém, como nós outros, nesse oceano terrível das letras de ficção contemporâneas. Essa ausência de contato com a literatura moderna não chegava a prejudicar gravemente a maleabilidade do seu espírito, que era assombrosa, mesmo quando confessava a sua inapetência ou o seu desconhecimento do imenso mar revolto das letras contemporâneas, salvo em seu aspecto filosófico. Dava-lhe um rigor e uma precisão, que aparentemente pareciam rebarbativos e frios.

O classicismo arquitetônico de sua formação intelectual, porém, desabrochava harmonicamente em uma vida de oração intensa e contínua. Durante vinte anos o vimos celebrar a missa quase que todos os dias. Ainda aí não variou jamais. Por volta de 1930, antes que o movimento litúrgico tomasse o incremento que veio a ter, nos dizia o padre Franca em conversa que o seu maior desejo era fazer um curso sobre a missa. "Não sabem o que é a missa. É preciso mostrar que mundo contém o Santo Sacrifício, em torno do qual fica toda a vida de oração e de ação da Igreja. O catolicismo tem a sua essência na Santa Missa e no entanto a conhecemos tão pouco. Tenho o desejo de fazer um curso sobre a Missa", dizia-nos ele por volta de 1930.

E quem assistia às suas missas das 6,30 na Capela Coração de Jesus no Santo Inácio, assistiu ao mais belos dos cursos sobre a missa. Um curso sem palavras. Um curso vivido. Uma participação no mistério, que os gestos, as palavras adivinhadas e a sobrenaturalidade tornavam memoráveis. Inesquecíveis. Cruciantes, de saudade.

Sabia equilibrar admiravelmente a oração pública e a oração privada. Se fazia da missa o centro da vida cristã, tanto individual como social, não se cansava de recomendar a convivência cotidiana com Deus. A oração de intimidade, o diálogo profundo que coloca a alma humana em presença do seu Criador e sob o olhar vigilante do pai. Era nesses colóquios íntimos que cada um de nós com Deus Nosso Senhor que ele colocava a essência da vida cristã, pois o sacrifício da Missa e toda a vida de participação litúrgica com a Comunhão dos Santos se tornara um mecanismo meramente exterior se não participarmos dela com a alma unida a Deus pela mais profunda entrega do nosso ser mais íntimo. Nesse encontro substancial entre o homem e Deus, no fundo da alma e, concomitantemente no encontro da alma humana assim divinizada com o Cristo imolado incruentamente no altar pelo sacerdote e todas as almas dos fiéis reunidos em cada missa, é que o padre Franca colocava a sua vida de oração, ao mesmo tempo individual e coletiva. Toda a vida humana convergia assim, em todos os seus aspectos, para a vida de oração, em cujo espírito tudo o mais, estudo e ação, encontrava a sua plenitude.

Pois a vida de estudo preparatória, e a vida de oração explanatória, se completavam temporalmente na vida de ação, consecutória. A ação devia ser um complemento do estudo, que nos prepara e de oração que nos integra em Deus. O apostolado é, pois, uma consequência natural da vida sobrenatural e faz parte integrante da própria perfeição da vida sobrenatural, durante a vida terrena. A economia total da vida cristã exige os três momentos - estudo, oração, ação, Leonel Franca, no que teve de mais próprio e característico, distribuiu harmoniosamente por esses três momentos toda a sua personalidade. Se nos

deixava, sobretudo, uma impressão de admirável equilíbrio, é que procurou sempre distribuir pelos três aspectos de nossa individualidade completa, toda a sua vitalidade. Não foi exclusivamente, nem mesmo predominantemente, um homem de estudo, de oração ou de ação. Foi ao mesmo tempo e numa medida de equilíbrio, raro de se encontrar, as três coisas simultaneamente. Daí encontrarmos nele sempre o homem que procurávamos. Pois todos nós temos momentos em que predomina esta ou aquela das três atividades fundamentais do homem completo. Os problemas que surgem, frequentemente, em nossa vida, ora dizem respeito à vida intelectual, ora à vida espiritual, ora à vida prática. Quando procurávamos o Padre Franca para expor um desses problemas nele encontrávamos sempre uma profunda compreensão, pois falava então ora o homem de estudo, ora o homem de oração, ora o homem de ação. E tinha sempre uma palavra profunda ou uma orientação justa a nos dar por dois motivos: porque vivia cada dia as três atividades e porque as vivia simultaneamente, sem qualquer unilateralidade. Podia assim enriquecer a nossa alma com a sua própria experiência e não apenas com palavras ou doutrinas. Dava a impressão do que era realmente um homem vivido, um homem prático, um homem extremamente realista, a quem podia faltar aparentemente um pouco de chama e calor, mas que nos satisfazia tanto mais quanto mais procurávamos atravessar a impassibilidade aparente das feições ou o convencionalismo de certas expressões, para ouvirmos a voz profunda do homem que vivia, todas as horas do dia, a grande experiência da perfeição e da universalidade. Ser tudo para todos, do melhor modo possível, foi isso o que fez sempre o nosso grande, o nosso querido, o nosso inesquecível Padre Franca.

Nestas páginas, nesta redação, nestes corações, nestas almas que, de mais perto ou de mais longe, conviveram com a sua luminosa trajetória de vinte e cinco anos, em nosso meio agitado e perplexo, a memória do Padre Franca será sempre venerada e os seus conselhos seguidos como vindos de alguém que realizou, no Brasil, em nossa geração com naturalidade, o ideal de uma vida humana bem vivida, natural e sobrenaturalmente.

(Editorial de *A Ordem*, volume 16, nº 6, dezembro, 1948. Sem assinatura podendo, entretanto, ser atribuído a Alceu Amoroso Lima, diretor).

LEONEL FRANCA - O MAIOR

Alceu Amoroso Lima

Que me lembre, éramos 7 de 93: Leonel Franca, Mário de Andrade, Ronald de Carvalho, Jorge de Lima, Sobral Pinto, Leonildo Ribeiro e eu próprio.

Por todos os motivos, a primazia cabe a Leonel Franca. Éramos de 1893 como tantos outros que vieram ao mundo ao troar dos canhões da Revolta, tiveram uma adolescência numa era de paz e prosperidade e chegaram de novo, no fim da vida, a um mundo marcado pela violência e pelo sofrimento.

Foi a mais ardente das almas no mais franzino dos corpos. Seguiu uma trajetória tranquila e igual, no desenvolvimento intelectual e espiritual mais harmonioso da nossa geração. Não hesitou jamais, nem mudou de rumos. Desde menino, por influência de um tio, Monsenhor Macedo Costa, e tradição do grande Bispo que, com D. Vital, mudou os rumos da evolução religiosa brasileira, viu na carreira eclesiástica o caminho de sua vocação. Educado pelos jesuítas, seguiu as pegadas dos primeiros e maiores educadores do Brasil colonial e seria, no fim de sua vida, o mais perfeito dos formadores de almas. Teve uma formação humanista como nenhum outro de nossa geração. Enquanto a nossa característica foi sempre a de aprender as coisas principais depois das supérfluas e as primeiras depois das últimas, ele estudou tudo a seu tempo, no seu lugar e na devida proporção, de forma que foi, sem comparação, a cabeça mais bem mobiliada de todos nós. Fez um curso brilhante em Roma, mas logo o coração falhou. Esse coração que, simbolicamente, seria tão grande, tão compassivo, tão aberto, mais tarde, a tantos corações angustiados, começou a falhar, fisicamente desde mocinho e, em Bad-Nau-Heim, onde foi consultar médico ao deixar a Universidade romana para voltar ao seu Brasil, lhe predisseram uma vida curta e de pouca atividade.

Curta seria, ao menos para os que ainda hoje se não conformam com a sua morte, mas como atividade excedeu a de todos nós, ao menos em profundidade. Foi em

1922 que publicou seu primeiro livro famoso, *A Igreja, a Reforma e a Civilização*, que o iria lançar no plano intelectual no mesmo ano em que vários outros livros famosos, como *Paulicéia Desvairada*, os *Epigramas Irônicos e Sentimentais*, a *Luz Mediterrânea* marcavam o fim de uma era e o início intelectual de uma nova fase de nossas letras. O Pe. Franca iria dominar um grande setor dessa nova fase. Iria desenvolver, no Rio - com as suas polêmicas com os protestantes ou com José Oiticica e com as suas conferências sobre *A Psicologia da Fé* ou sobre *O Divórcio*, ampliadas e, mais tarde, recolhidas em volume, com a fundação da primeira Universidade Católica Brasileira e sua interferência pessoal e decisiva em todos os problemas de educação - uma atuação intelectual que hoje se traduz em 14 volumes de suas *Obras Completas*, e, acima de tudo, na marca indelével deixada em nossa geração e sobre as novas gerações que, no confessionário de Santo Inácio, ele guiou na sua infância e na sua adolescência e hoje começam a atuar na vida pública.

Na missa das seis e meia da manhã, no Santo Inácio, esse homem que mal pesava sobre a terra e era só olhos, num corpo moreno e translúcido, esse homem que nas discussões era ágil como um esgrimista e lógico como um escolástico, que tinha o estilo de Rui Barbosa e o coração de Anchieta, esse homem que organizava laboratórios de física e fundava Universidades, que se pendurava nos estribos de bonde e conhecia os caminhos mais recônditos do coração humano - na missa da manhãzinha esse homem era um místico e a sua missa era dita de tal maneira que uma aura misteriosa já parecia cercar de luz essa cabeça prematuramente desguarnecida, que deu à nossa geração o sentido profundo da Ordem sobrenatural. (1951)

(Transcrito de *Companheiros de viagem*. Rio de Janeiro: José Olimpio, 1970. págs. 62-63)

PADRE LEONEL FRANCA, UM POLEMISTA

Antônio Carlos Villaça

O padre Leonel Franca, S.J., foi simultaneamente um apologeta, um mestre espiritual, um fundador e reitor de Universidade.

Um polemista, E, felizmente, um contemplativo, da linha de Lallemant e Surin. Conciliou em si uma dupla vocação - a de polemista e a de homem de oração ou de vida interior intensa.

Suas Obras Completas, em 15 tomos, são uma apologia do catolicismo. Ele foi rigorosamente um espírito tridentino. Dois livros o marcaram - *Os Exercitia Spiritualia e o Ratio Studiorum*. Na plenitude do destino, ele traduziu três livros para a nossa língua: o *Ratio Studiorum*, isto é, o Método Pedagógico dos Jesuítas, e o *Livro dos Salmos* e a *Imitatio Christi*, que também o influenciou.

"Vá conversar com o Franca. A só presença dele é já uma grande luz", escrevia Jackson de Figueiredo em carta de 22 de novembro de 1927 a Alceu Amoroso Lima. Com Penido e Alceu, formou a trindade mais alta da inteligência católica brasileira. Sem dúvida nenhuma, o livro mais profundo e complexo do Padre Franca foi *A Crise do Mundo Moderno*, de 1940, livro de maturidade, escrito exclusivamente como livro, sem aproveitamento de textos, aulas ou conferências. "O mais bem-sucedido ensaio brasileiro no plano da filosofia da cultura", como observou o jesuíta Henrique Cláudio de Lima Vaz. Um estudo da evolução ideológica do Ocidente, nos últimos quatro séculos, à maneira dos *Trois Réformateurs*, de Maritain.

Seu primeiro grande livro - *A Igreja, a Reforma e a Civilização*, de 1922, é uma réplica erudita e alentada a Eduardo Carlos Pereira, e Leonel Franca ainda era um simples estudante de Teologia da Universidade Gregoriana, em Roma.

Esse livro o revelou de repente ao Brasil. Jackson, Laet e Alceu o saudaram com respeito e entusiasmo. Dois ensaios religiosos apareceram naquele ano de 1922,

entre nós, - *Pascal e a Inquietação Moderna*, de Jackson, e *A Igreja, a Reforma e a Civilização*.

A *História da Filosofia*, de 1918, obra de caráter didático, fruto do seu magistério no Colégio Santo Inácio, entre o seu curso de filosofia e o seu curso de Teologia, no período 1916-1920, já ultrapassou a vigésima edição. Enriqueceu-a em 1928 com um ensaio a respeito da filosofia no Brasil. Foi um tanto severo com Farias Brito e Silvio Romero.

Da polêmica protestante, em que se especializou, resultaram *Catolicismo e Protestantismo* e *O Protestantismo no Brasil*, livros de apologética. Polemizou com Otoniel Mota. *Relíquias de uma polêmica* é a sua discussão teológica sobre o modernismo com José Oiticica. A polêmica veio da morte do cardeal Mercier, em 1926, esse Mercier por quem Franca guardava um carinho imenso.

Deixou inéditos e logo se publicaram alocuções, artigos doutrinários, estudos sobre a existência de Deus, liberdade e determinismo, a formação da personalidade. A *História da Filosofia* e a *Filosofia da História* o atraíram. Dois ensaios o tornaram famoso - o estudo sobre o divórcio e o livro sobre a psicologia da fé. São conferências que deu no Rio para o Centro Dom Vital. Fundou e por oito anos dirigiu a primeira Universidade Católica do Brasil. Foi um conferencista importante, nas décadas de 20 e 30, quanto falava para auditórios repletos, em que se viam Epiácio Pessoa, Alceu Amoroso Lima, Ismael Nery, Murilo Mendes, Sobral Pinto, Hamilton Nogueira, Augusto Frederico Schmidt.

Nele, o conferencista erudito e polêmico e o mestre espiritual se completavam harmoniosamente. Francisco Leme Lopes chamou-lhe com razão o padre espiritual da inteligência brasileira. Leitor de Vieira e de Rui, escrevia como um clássico. Tinha uma formação sistemática. E o misticismo dava a esse conjunto, de saber e de ascese, uma dimensão propriamente sedutora.

O estudo, que publicou na revista *Verbum* sobre *Catolicismo e Totalitarismo*, 1944, em plena guerra, dá-nos a medida da sua extraordinária capacidade de resumir doutrinas, expor textos filosóficos, discutir idéias. Foi um expositor. Tinha a

clareza, a concisão, a precisão dos grandes analistas, que são ao mesmo tempo espíritos de síntese. Esse longo artigo de há quarenta anos talvez seja a sua obra-prima.

A sua alocução quando a Universidade Católica recebeu o título de Pontifícia, em 1947, um ano antes da sua morte prematura aos 55 anos, a mesma idade com que morreu Farias Brito, é um dos textos mais belos que já se escreveram no Brasil. O último tema da sua vida foi a democracia, como se vê através da admirável conferência, de tanta densidade doutrinal, *Rumos da Democracia*, de 1946. Preocupava-o a reconstrução do mundo, ou seja, a obra da criação da paz.

Falando sobre o tomismo em duas conferências, mostrava-nos a sua fidelidade a Santo Tomás, entendido não como um marco, mas como um farol. Sobre Tristão de Ataíde escreveu uma página vigorosa, de 1943, que está no livro coletivo *Testemunho*, com depoimentos sobre Alceu.

Um dos capítulos mais fascinantes da história cultural do Brasil é o da amizade que uniu por vinte anos Leonel Franca e Alceu Amoroso Lima. Franca foi o confessor de Alceu de 1928 a 1948. Franca personificou o equilíbrio no grande movimento de renovação do catolicismo brasileiro, depois da Guerra de 1914. Entre junho e agosto de 1928, foi ele quem acompanhou na intimidade o debate de Alceu consigo mesmo, na hora da passagem de uma disponibilidade gideana ao engajamento religioso ou ao catolicismo integral.

Do padre Franca há também os prefácios tão belos ao livro *Confiteor*, de Paulo Setúbal, ao *Ascensões da Alma*, de Pandiá Calógeras, 1934, e à tradução de Alexandre Correia da *Suma Teológica*, de Santo Tomás. A figura de Elisabeth Leseur o fascinava. E foi no Concílio Plenário Brasileira, de 1939, o principal consultor teológico do cardeal dom Sebastião Leme, que o tinha na mais alta conta.

Três fatores o modelaram tal como foi - a formação ascético-mística da sua Ordem religiosa, em que entrou aos 15 anos, o temperamento introvertido, de contemplativo, e a enfermidade, a deficiência cardíaca que o perseguiu desde menino.

Na Bahia, por ocasião do Congresso Eucarístico Nacional, 1933, fez o padre Franca notáveis conferências apologéticas, e essa viagem à terra das suas raízes humanas, pois era de família baiana, sobrinho de dom Antônio de Macedo Costa, foi a única excursão triunfal da sua vida. Viajou com Alceu e dom Leme.

Tentou sempre esclarecer as inteligências no sentido da conciliação entre a religião revelada e a pesquisa experimental, a razão e a fé, a cultura e a Igreja. Já dizia em 1922, em carta ao padre Madureira, que o seu caminho, o seu rumo seria o do apostolado universitário.

Cristianismo e Civilização, tal o tema por excelência de tão fecunda vida. A 8 de maio de 1941, Alceu Amoroso Lima assim falava na Academia Brasileira sobre o livro *A Crise do Mundo Moderno*: "Uma dessas obras que marcam um ano literário e honram a inteligência e a cultura de todo um povo".

Franca sucede a dom José Gaspar de Afonseca e Silva no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, em 1944. Para ele, a cultura é a realização integral da verdade na vida. Apologista da verdade. Foi a cabeça mais organizada da sua geração. A sua lógica era de cimento armado, como gostava de dizer Murilo Mendes. No suplemento literário de *A Manhã*, de 12 de setembro de 1948, escrevia Tristão de Ataíde apenas nove dias depois da morte de Leonel Franca: "Foi no plano filosófico-teológico o que Rui foi no plano político-jurídico. Um florete de analista invencível, nas mãos de um lutador de cultura inabalável e profunda".

Seu pensamento polêmico tendeu sempre à unidade e à paz. O lema fundamental da sua vida de místico foi realizar plenamente a verdade na caridade. O nosso Newman.

No ano de inauguração do Instituto Católico de Estudos Superiores, no Rio, em maio de 1932, discursaram Alceu, Leonel Franca e frei Pedro Secondi. Na hora da fundação da Universidade Católica do Rio, em 1941, falaram ainda Alceu, Franca e Afonso Pena Júnior. Ele foi o nosso Mercier. Um tomista aberto às correntes modernas de renovação profunda da Escolástica. Leu e valorizou Maréchal, voltado para Kant e o problema crítico, Sertillanges, Maritain, Gilsom, Rousselot.

Passava horas no confessionário a ouvir as almas. E não perdia sessão do Conselho Nacional de Educação, de que foi um dos fundadores, em 1931. Em junho de 1948, recebeu o Prêmio Machado de Assis, da Academia Brasileira, por conjunto de obra. Estava já muito doente. Não pôde receber pessoalmente a láurea. Foi Francisco Leme Lopes quem a recebeu por ele.

O seu enterro a 4 de setembro de 1948 foi uma consagração. O Brasil inteiro ali estava. E Alceu Amoroso Lima exprimiu então num discurso comovente a opinião geral. Um discurso antes chorado que lido. "Abaixo de Deus", dizia ele, "devo ao senhor, Padre Franca, a luz da Fé".

Ali estavam os mais altos órgãos culturais do Brasil, as Universidades e os Conselhos Federais. Os professores e a juventude. Diante de alguém que, menino, renunciara a todas as glórias do mundo, para ser apenas um missionário da verdade.

(Transcrito de *O Estado de S.Paulo*. São Paulo. 5/08/1984).

LEONEL FRANCA

Luís Washington Vita

A mais persistente presença de um tipo de pensamento na filosofia praticada no Brasil é a escolástica e a neo-escolástica, desde a Colônia, passando pelo Império e pervivendo a República, com os altos e baixos da própria história dessa tendência especulativa. Nos idos coloniais, repartindo-se entre tomistas e escotistas, na corte imperial, após a encíclica a *Aeterni Patris* (1879), dividida entre alunos de Mercier (que, como se sabe, iniciou seu magistério em Louvain em 1882) e seguidores de Rosmini, e no evolver republicano com os discípulos de Maritain, Blondel, da filosofia do espírito francesa e do espiritualismo cristão italiano. Escolásticos foram D. José Afonso de Moraes Tôrres (1805-1865), bispo do Pará, José Soriano de Sousa (1833-1895), médico que se formou em filosofia em Louvain, o Visconde de Sabóia (1825-1909), médico e par do Império, e, nos nossos dias, Alceu Amoroso Lima (n. em 1893), publicista polígrafo, Maurílio Teixeira-Leite Penido (n. em 1895), conhecido estudioso de Bergson, de formação inteiramente européia, Artur Versiani Veloso (n. em 1906), J. C. de Oliveira Tôrres (n. em 1915), historiador do positivismo e extemporâneo monarquista, Alexandre Correia (n. em 1890), formado em Louvain e tradutor da *Suma tomista*, J. B. de Castro Nery (n. em 1901), historiador do pensamento antigo, Heraldo Barbuy (n. em 1913), de acentuada tendência mística, Eduardo Prado de Mendonça (n. em 1925), discípulo e assistente do padre Penido, Tarcísio Meireles Padilha (n. em 1930), estudioso de Louis Lavelle, Leonardo Van Acker, Armando Câmara, Ernani Maria Fiori, Ubaldo Puppi, etc., etc. (1). Também ativas estão, nos nossos dias, as ordens religiosas, como os membros da O.S.B. (Justino Paoliello, Irineu Penna, no Rio de Janeiro) ou da S.J. (Francisco Leme Lopes, Francisco X. Roser, H. C. de Lima Vaz, estupendo estudioso do pensamento atual no Brasil, no Rio de Janeiro; Roberto Sabóia de Medeiros, prematuramente falecido, em São Paulo; Carlos Cirne de Lima, João Nepomuceno Haas, Urbano Thiesen, José Soder, no

Rio Grande do Sul; Aloísio Môsca de Carvalho, Paulo Gaspar de Menezes, em Pernambuco, etc., etc.). Sobre todos, porém, se eleva a figura do padre Leonel Franca, da Companhia de Jesus (2).

Consoante Lima Vaz, "o tomismo de Leonel Franca era aberto aos estímulos das correntes mais progressivas do tomismo europeu, sendo notória a sua simpatia pelo pensamento de um A. D. Sertillanges ou de um Joseph Maréchal". Nesse sentido, Leonel Franca parece optar por aquela ala de neotomistas que, em face da filosofia moderna "pensa dever assumir uma atitude menos polêmica e mais compreensiva", pois "nem tudo é para rejeitar depois de Descartes". Isto porque "a fidelidade, não tanto à letra quanto ao espírito de Santo Tomás impõe o dever de repensar as questões modernas em função de sua problemática atual. Importa prolongar as linhas do pensamento tomista numa fidelidade que não seja repetição simples, mas assimilação orgânica e vital, isto é, progressiva e adaptada a exigências novas e iniludíveis do pensamento humano em marcha". Para Leonel Franca, "a inteligência humana não progride nem se enriquece senão no contraste das discussões".

Nesse contraste das discussões procura o eminente jesuíta orientar-se para a verdade, distinguindo o que, a seu ver, são "os desvios multiformes do caminho único e certo", discernindo "o sistema verdadeiros dos errôneos", reconhecendo "entre as filosofias, a Filosofia". Três são as "ordens" que propiciam a consecução desse supremo objetivo: a ordem especulativa, a ordem prática e a ordem histórica: "O primeiro critério, *teórico e racional*, é a evidência. A luz ressalta nas trevas pela sua própria claridade. A verdade distingue-se do erro pelo brilho do seu esplendor. Todo o sistema radicalmente falso ou se funda imediatamente na contradição ou se envolve mais tarde nas malhas de suas teias inextrincáveis. As inteligências afeitas à reflexão e disciplinadas por uma lógica severa e só poderão sem grande dificuldade, desfiando as conclusões das premissas ou remontando dos conseqüentes aos antecedentes desvendar o sofisma e por a descoberto o erro atraído pelo absurdo de suas próprias afirmações - O segundo critério é *prático*. Menos rigoroso que o precedente, porém, não raro, de uso mais fácil e pronto

baseia-se nas conseqüências morais dos sistemas filosóficos. Toda interpretação sintética do universo, no domínio especulativo, comporta no campo da ação uma série de aplicações práticas, um sistema moral, que, desenvolvido, cedo ou tarde pela lógica irresistível dos fatos, atesta o valor das idéias de que deriva, como a qualidade dos frutos abona a árvore que os produziu. Qualquer filosofia que logicamente importe a destruição do direito e da moral, a extinção da virtude e do heroísmo, a dissolução da família e da sociedade não é verdadeira. Só o erro pode ser imoral nas suas conseqüências, como só a verdade pode ser contrastada pela prática na universalidade de suas aplicações. - De ordem *histórica* é o terceiro critério. A filosofia e as filosofias não evoluem do mesmo modo no tempo. A filosofia, como rio majestoso, progride com segurança e lentidão, avolumando incessantemente as suas águas no curso dos séculos. As filosofias aparecem como torrentes tumultuosas e temporárias, que, rolando desapoderadamente os seus cachões pelo íngreme das encostas, arrasam e destróem quanto se lhes opõe à passagem turbulenta. Fora de metáfora, a doutrina verdadeira é perene e progressiva; perene nos seus princípios fundamentais, certos e indestrutíveis. progressiva nas conclusões que deles se podem derivar na extensão mais ampla de suas conseqüências, nas suas aplicações a novos objetos de estudo. Os sistemas falsos, pelo contrário, privados da seiva que dá vida ao pensamento, definham com o tempo e acabam na negação de si mesmos, no cepticismo universal. Se alguns voltam, como o materialismo, com uma periodicidade que aparenta tradição é que revivem no homem as mesmas paixões e as mesmas fraquezas que lhes deram a primeira origem. Mas a revivescência é efêmera, e de perto a segue uma segunda ruína semelhante à primeira. O erro apaga-se de novo e de novo se aniquila".

Mas é como "filósofo culturalista cristão" (como o definiu P. Messeguer) que Leonel Franca mais se impõe na história da filosofia no Brasil. Para ele, "todo o progresso material revelou-se incapaz de satisfazer às exigências profundas da nossa natureza. É a lição mais trágica que nos dá o mundo contemporâneo inquieto e convulsionado. Em face do aperfeiçoamento maravilhoso dos meios, esquecemos o fim. E nesta subversão metafísica dos valores manifesta-se um dos sintomas mais

alarmantes de decadência... Urge, pois, restituir à nossa civilização periclitante as forças interiores que asseguram a todo esforço social a sua vitalidade". "O Cristianismo tem as dimensões da história humana. Para todas as eras e em todos os problemas Cristo é a luz da vida. As agonias do mundo contemporâneo não encontram uma meditação mais profunda das suas palavras que não passam, uma resposta pacificadora. E uma cristandade nova, cuja estrutura mal nos é dado entrever mas cujos sinais precursores repontam em toda parte, poderá congregar uma humanidade melhor numa fase mais elevada de sua penosa ascensão espiritual".

NOTAS

(1) A escolástica e a neo-escolástica no Brasil crescem dia a dia, seja pelas cátedras cativas que possuem nas seis Universidades Católicas, seja pela circunstância de o ensino da filosofia em nível universitário ter sido iniciado em nosso país em 1908, junto ao Mosteiro de São Bento (São Paulo), por iniciativa do Abade D. Miguel Kruse, OSB, contratando para tanto Monsenhor Sentroul, discípulo de Mercier, cujo magistério prossegue com Leonardo Van Acker, seja, finalmente, pela tradição escolástica, que vem desde os idos coloniais. Por isso pode dizer Cruz Costa: "o neotomismo encontrou, como era de esperar, campo fácil para uma fácil vitória".

(2) Leonel Franca nasceu em São Gabriel (Rio Grande do Sul) em 1893, entrou para a Companhia de Jesus em 1908, ordenando-se padre, em Roma, em 1924, ano em que cursou teologia e filosofia na Universidade Gregoriana. De suas *Obras completas* (15 volumes) têm especial interesse filosófico: *Noções de história da filosofia* (1918, 2ª ed., 1928, 7ª ed. 1940), *A psicologia da fé* (1934), *A Crise do mundo moderno* (1941) e *O problema de Deus* (1944). Faleceu em 1948.

(Transcrito de *Monólogos e Diálogos*. São Paulo: Conselho Estadual de Cultura, 1964, págs. 152-155).

A INTERPRETAÇÃO PARTICIPANTE

Antonio Paim

A Escola Eclética --primeira corrente filosófica estruturada no país, dominante no Segundo Reinado-- interessou-se pela meditação nacional. A circunstância explica-se, entre outras coisas, pelo fato de que o fundador do *eclétismo*, Victor Cousin (1792/1867), seguindo a trilha aberta por Hegel, valorizava devidamente as filosofias nacionais. Tenha-se presente que justamente Hegel seria o criador de disciplina digna do nome de *História da Filosofia*. Antes dele, o que se publicava sob tal denominação não tinha o rigor e a explicitação de princípios que o grande filósofo alemão lhe atribuiu.

Lamentavelmente, não se conseguiu reconstituir integralmente os textos ecléticos dedicados aos autores nacionais. O tema, contudo, figurava no curso de filosofia por eles introduzido no Colégio Pedro II.

Devido a isto, o livro de Sílvio Romero (1851/1914) tornou-se o texto fundador da historiografia filosófica brasileira. Intitulou-se *A Filosofia no Brasil*. Escrito em 1876, só veio a ser publicado dois anos depois pela Tipografia Deutsche Zeitung (Porto Alegre), de Carlos Von Koseritz, a quem é dedicado.

Com o passar do tempo, Sílvio Romero tornou-se a grande referência na reconstituição da trajetória da literatura brasileira, do folclore e de diversas outras manifestações de nossa cultura. Nos anos setenta, contudo, intervinha no debate das idéias com o propósito declarado de fazer propaganda de doutrinas que desejava contrapor à filosofia até então dominante. Referindo-se mais tarde ao agitado período daquela década e às críticas então publicadas contra o seu livro, escreveria: “Retruquei com calor e paixão que sempre mantive nas lides do pensamento. A bulha foi grossa e intensa. Fervia ela então em torno de *A Filosofia no Brasil*, galeria de estátuas decapitadas pela crítica severa, onde se salvaram apenas dois ou três bustos, quando nas colunas de *O Repórter* surgiram (1789) os terríveis artigos que vieram a constituir outra galeria de notabilidades destroçadas --os *Estudos de Crítica parlamentar*. Era a batalha política após a batalha filosófica”. (*Zeverissamações ineptas da crítica*. Porto, 1909, p. 56-57)

Vê-se pois que o próprio autor nunca escondeu os propósitos que o moviam.

Engajado, como Sílvio Romero, numa *cruzada*, desta vez para restaurar o espiritualismo que as gerações precedentes optaram por abandonar, Leonel Franca adotou o mesmo

modelo. Vele dizer: o pensamento nacional não precisa ser objeto de estudo e busca de compreensão no respectivo contexto. Estaria aí apenas para ser utilizado a fim de demonstrar que tenho algo de melhor a oferecer. E, assim, estrutura-se a *interpretação participante da filosofia brasileira*. Tem mesmo uma longa história, na medida em que depois de adotada pelos católicos passaria integralmente às mãos da *versão positivista do marxismo*, na pessoa de João Cruz Costa (1904/1978).

A herança de Silvio Romero como que passou integralmente às mãos do padre Leonel Franca e de Cruz Costa. Do mesmo modo que o autor de *A Filosofia no Brasil*, ambos confundem a contemporaneidade do saber filosófico com os limites estreitos de seus próprios momentos, negam validade ao passado e, por isto mesmo, não conseguem vislumbrar nenhuma conexão interna na meditação brasileira nem se dão conta de suas peculiaridades.

A Filosofia no Brasil, do padre Franca, foi escrita nos começos da década de vinte, quando o trânsito do naturalismo ao espiritualismo, efetuado por Farias Brito, já amadurecera o suficiente para se proclamar como filosofia católica. Na Europa, enquanto o cientificismo parecia perder terreno, o neotomismo ganhava ascendência e lograva retirar a escolástica do ciclo da decadência a que parecia condenada desde os fins da Idade Média. Embora a tanto não estivesse obrigado pela sua condição de pensador católico, considerou o padre Franca que o Brasil representava uma excelente ilustração da tese, de validade universal, segundo a qual “a filosofia moderna apresenta o triste espetáculo da mais deplorável anarquia”, cabendo saudar com entusiasmo a renascença escolástica. Constituindo um amontoado de erros e equívocos, ao pensamento brasileiro só restaria render-se à evidência dos fatos.

O curso histórico posterior iria evidenciar que os arautos brasileiros da restauração escolástica não tinham maior compromisso com a filosofia. Seu engajamento era eminentemente político e nesse plano alcançaram inquestionável sucesso, em especial nas décadas de trinta e quarenta. Lograram retirar a Igreja do isolamento a que havia sido relegada nos primeiros decênios republicanos, voltando a estabelecer-se a aliança com o Estado. De tudo isto resultou o fenômeno denominado *surto tomista* -- aparecimento de grande número de adeptos dessa corrente, transformando o Brasil numa de suas mais expressivas manifestações em todo o mundo, para em seguida desaparecer sem deixar rastro--, cujo substrato último era de fato político. Em seu seio não tem lugar o entendimento do tomismo como um ponto de vista a partir do qual os filósofos católicos se dispõem a dialogar com as demais correntes contemporâneas. Esta seria a posição de um

grupo reduzido e que de fato só começa a falar em nome do tomismo a partir da crise dos anos sessenta e da debandada geral de seus integrantes na direção do marxismo.

O texto do padre Leonel Franca sobre a meditação filosófica brasileira resume-se ao confronto de alguns pensadores com o paradigma de que está de posse. Dispensou-se de maior pesquisa e às personalidades relacionadas por Silvio Romero limitou-se a acrescentar os mais notórios integrantes da Escola do Recife, os animadores do movimento positivista e a Farias Brito. A todos dirigirá violentas reprimendas.

O seu estilo pode ser aferido a partir da análise que empreende das idéias de Antonio Rosmini (1797-1835), que teve discípulos no Brasil, entre estes o sacerdote italiano Gregorio Lipparoni, que viveu em Pernambuco e no Rio de Janeiro, de meados dos anos sessenta à década de oitenta do século passado. Aqui publicou *A filosofia conforme a mente de S. Tomás de Aquino exposta por Antonio Rosmini em harmonia com a ciência e a religião* (Rio de Janeiro: Imprensa Industrial de João Paulo Ferreira Dias, 1880).

Rosmini inclui-se entre os pensadores que enfrentaram os problemas da filosofia moderna buscando encontrar uma resposta compatível com o ponto de vista católico.

Assim, no que respeita ao conhecimento, irá buscar uma posição equidistante do sensualismo e do kantismo. Resumidamente, supõe que as dificuldades encontradas poderiam ser superadas postulando algo de anterior à relação sujeito-objeto. Este algo seria a idéia de ser, pressuposta no ato do conhecimento e sua autêntica garantia, inata aos homens.

Fazendo caso omissivo do problema filosófico geral, Pe. Franca diz simplesmente que o erro de Rosmini advém do desconhecimento da teoria aristotélica da abstração.

Acontece que esta não responde às objeções modernas e corresponde de fato a uma intuição intelectual, possibilidade contestada por Kant e pelos empiristas mais coerentes, a exemplo de Hume. O que Rosmini pretendia era explicar o conhecimento sem o recurso à intuição intelectual e para este fim a teoria da abstração não tinha nenhuma serventia.

Rosmini tinha, portanto, plena consciência da natureza peculiar da questão e não considerava suficiente ignorá-la. Este será, entretanto, o caminho seguido pelo pe. Franca. Sendo o dono da verdade basta ignorar a questão para que ela desapareça. E como advertência aos recalcitrantes toma o exemplo dos brasileiros que o fizeram na esperança de silenciar toda futura objeção pela simples intimidação. Assim, à constatação da decadência do catolicismo por Farias Brito, fato incontestado na Época Moderna e presente ao seu tempo, pe. Franca responde deste modo: “Sim, Farias, o catolicismo vive e só ele pode dar vida. E porque o desconheceste, não só tua obra intelectual foi falha, efêmera e

incompleta, mas tua vida foi um peregrinar incerto, amargurado e oscilante entre a dor e o desespero”.

A posse da verdade dispensa-o mesmo de ter um mínimo de rigor nas suas afirmativas. Assim, permite-se inferir da simples informação de que Frei Itaparica fora professor de Tobias Barreto que seu magistério repousava num “espiritualismo eclético à la Cousin, frágil e superficial”. Frei Itaparica é autor do *Compêndio de Filosofia Elementar* (Bahia: Tipografia E. Pedroza, 1852) que o pe. Franca dispensou-se de consultar. Se o fizesse veria que era adepto do tradicionalismo.

A falta de serenidade do padre Franca pode ser ilustrada com a crítica que dirigiu à classificação das ciências de Silvio Romero, batizando-a de monstruosidade lógica. A esse propósito escreve Luís Vita: “A censura de Leonel Franca, não obstante sua aparente pertinência é escusa e desleal, pois se utilizou da primeira edição dos *Ensaio de filosofia do direito*, onde se lê: “Uma vez dividimos as ciências, quanto ao grau de sua certeza, em *verdadeiras ciências, quase ciências, pretendidas ciências*” (p. 45). No entanto, na segunda edição, a frase de Silvio Romero é acrescida de um advérbio que impedia Leonel Franca de falar em *monstruosidade lógica*. Ei-la: “Uma vez nós dividimos humoristicamente as ciências quanto ao grau de certeza, em genuínas ciências, quase ciências, pretendidas ciências” (p. 94). E enquanto à frase da primeira edição seguia-se esta: “Entre as primeiras estavam a matemática, a mecânica, a física, a astronomia, a química. Entre as segundas a biologia, a psicologia, a sociologia em seus diversos ramos, como a estética, o direito, a moral, a economia política. No último grupo a teologia, a metafísica, a quiromancia, etc.”, à frase da segunda edição seguia-se esta outra: “Divisão esta que jamais teve a nossos olhos a pretensão de ser considerada como classificação orgânica das ciências, como alguns fantasistas chegaram a supor”.

Quer dizer, em 1908 Silvio Romero respondia ao que Leonel Franca viria afirmar em 1921”.

O texto do pe. Leonel Franca reduz-se a um panfleto apaixonado.

Apesar de que a *interpretação participante da filosofia brasileira* se tenha tornado uma vertente que ainda hoje tem seus adeptos, desde os anos trinta, a partir de Alcides Bezerra (1891/1938), à frente do Arquivo Nacional, ganha corpo o movimento de estender à análise da meditação filosófica os procedimentos instaurados por Varnhagen e os instituidores da historiografia nacional..

(Transcrito de *O estudo do pensamento filosófico brasileiro* (1979), reproduzido in *Os intérpretes da filosofia brasileira*; vol I dos Estudos Complementares à *História das Idéias Filosóficas no Brasil*, Londrina, Ed. UEL, 1999, págs. 17-21)